



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**A MULHER DO SÉCULO XIX NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
REPRESENTADA PELOS TEXTOS E IMAGENS DO JORNAL
DAS SENHORAS**

SARA DE ALBUQUERQUE ANDRADE

Cajazeiras- PB

2015

SARA DE ALBUQUERQUE ANDRADE

A MULHER DO SÉCULO XIX NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
REPRESENTADA PELOS TEXTOS E IMAGENS DO JORNAL DAS
SENHORAS

Monografia apresentada a disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) do Curso de Graduação em
História da Unidade Acadêmica de
Ciências Sociais do Centro de
Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande como requisito para obtenção
de nota.

Orientadora: Prof^a . Dr^o Ana Rita Uhle.

Cajazeiras - PB

2015

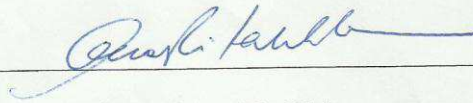
|

SARA DE ALBUQUERQUE ANDARDE

A MULHER DO SÉCULO XIX REPRESENTADA PELO PERFIL E
IMAGENS DO JORNAL DAS SENHORAS

APROVADO EM: 25 / 02 / 2015

OREINTADOR:



Profª . Dorª Ana Rita Uhle.



Profª. Dra. Viviane Gomes de Ceballos (Examinadora)



Profª. Dra. Rosemere Santana (Examinadora)

Cajazeiras- PB 2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730

Cajazeiras - Paraíba

A553m Andrade, Sara de Albuquerque

A mulher do século XIX na cidade do Rio de Janeiro representada pelos textos e imagens do Jornal das Senhoras. / Sara de Albuquerque Andrade. Cajazeiras, 2015.

54f. : il.

Bibliografia.

Orientador(a): Ana Rita Uhle.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

“O que a memória ama, fica eterno. Te amo com a memória, imperecível.” (Adélia Prado).

Quando eu era criança eu reparava e questionava tudo, te ver ali sempre tão forte e determinado, me fazia pensar que era com essa determinação e firmeza que eu pretendia acordar todos os dias. A Você meu pai, que apesar de todo esse tempo sempre será eterno. Dedicado a Bernardino Sena Andrade. (In memória)

Agradecimentos

Agradeço a minha mãe a senhora Lucineide Maria, que me ensinou a importância da humildade e companheirismo, lhe amo incomensuravelmente.

A minhas irmãs, Luana por todos os conselhos e demonstração que a grande virtude de um ser está em sua paciência, e Lucibel por todos os dias que passamos juntas ou distantes e ainda assim está ao meu lado acreditando no que sou.

E a você Maria Leão que se fez e se faz tão presente em minha vida. Obrigada por ter me achado por uma suposta leitura, você foi o meu melhor presente dessa faculdade.

Agradeço a toda minha amável e dedicada família que contribuiu imensamente para minha conquista, minhas tias e tios e em especial a minha vó Maria e meu Avô José Paulo (in memória)

A todas as minhas amigas sempre presente, Jeane Lopes, Patrícias Macário, Lídia Dantas, Bianca Fernandes, Soany Alexandre, Maria do Socorro, Martinielly Suze Dayane, e amigos Aldeir Fernandes (virgem), Adriano Costa e Joelson Nunes.

A minha orientadora Ana Rita Uhle, pela paciência, dedicação e compreensão em todos os momentos.

Aos professores Isamarc Gonçalves e Francisco Neto pela colaboração a este trabalho.

A todos os professores do curso e colegas de classe que me fizeram pensar e buscar respostas.

A Pedro Vinicius Ribeiro, pelo companheirismo e pelos risos compartilhados, obrigada pelo carinho.

E por fim, mais não menos importante ao Deus de infinita bondade que me inspirou e me encorajou para que eu pudesse concretizar este trabalho.

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise de um periódico semanal do século XIX que teve suas primeiras publicações nos anos de 1852 e 1853 tendo seu fim em 1855, na cidade do Rio de Janeiro, e que teve como primeira redatora chefe Joana Paula Manso de Noronha. Trataremos de expor uma leitura sobre a condição da mulher do século XIX a partir de um conjunto de imagens selecionadas e publicadas entre os anos de 1852 e 1853. Destacamos em nossa análise o discurso de mulher como senhora do lar, mãe e esposa que deveria ser bem instruída e obediente às leis ditadas pela religião a fim de atender a todos os quesitos necessários para preencher o perfil de uma legítima senhora de elite responsável pelo progresso familiar. Discutimos como a mulher que pertencia a uma sociedade de valores patriarcais conseguiu de forma ainda tímida sua emancipação moral e participação no universo público a partir do reconhecimento de sua importância na manutenção da família, e como o jornal fomentou essa ideia na mulher utilizando a instrução como importante e atraente dote.

Palavras chave: Mulher, Jornal das Senhoras, imprensa feminina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
Capitulo I.....	10
A CHEGADA DA CORTE E A IMPRENSA FEMININA.....	10
1.1 A chegada da corte no Rio de Janeiro e a modernidade no século XIX.....	10
1.2 O advento da imprensa e o espaço feminino.....	13
1.3 Imprensa feminina: caracterização de um perfil.....	16
Capitulo II.....	20
O JORNAL DAS SENHORAS: A REPRESENTAÇÃO DE UM PERFIL FEMININO.....	20
2.1 Primeiro periódico redigido por mulheres.....	20
2.2 Periódico redigido para mulheres.....	24
Capitulo III.....	30
INTERPRETAÇÃO DA MULHER NAS IMAGENS DO JORNAL DAS SENHORAS.....	30
3.1 A construção do espaço feminino no universo público e privado (familiar).....	30
3.4 A construção da mulher através da religiosidade e instrução.....	40
Considerações Finais	49
Referencias	
Anexos	

INTRODUÇÃO

Este estudo traduz minha primeira iniciativa como pesquisadora, navegando neste mar ainda desconhecido e direcionando meu olhar para o universo feminino do século XIX. A fim de compreender a construção do perfil da mulher de elite que com a chegada da imprensa feminina e a instalação da corte na cidade do Rio de Janeiro, aprimorou e inseriu novos valores em sua formação social.

Nosso objeto de pesquisa, o *Jornal das Senhoras*, norteou nossa reflexão através de textos e imagens, instigando nosso pensamento para refletirmos sobre alguns valores, que receberam destaque na legitimação de um perfil de mulher respeitada por uma sociedade elitizada e patriarcal, que priorizava valores como: habilidades domésticas, obediência às leis da religião católica, capacidade e responsabilidade em administrar o lar e a educação dos filhos, distinção ao receber os convidados e ao promover e participar de bailes e salões de festas e, por conseguinte, uma boa instrução literária.

Incentivadas a preencher todos esses quesitos, o *Jornal das Senhoras* fomentava em suas leitoras o desejo de uma emancipação moral, instigando-as a questionarem sua participação na sociedade. De forma ainda tímida, o periódico incentivava a suas assinantes uma participação pública que seria resultado do reconhecimento de uma mulher distinta e apresentável, por obedecer fielmente todas as regras cabíveis a uma legítima senhora do lar responsável pelo progresso familiar. Foi nesse intuito que a educação tornou-se indispensável para o aprimoramento de todos esses dotes necessários para uma boa educação.

A escolha do jornal partiu a princípio por sua linguagem simpática e coerente, e logo após por este apresentar imagens bastante informativas com riquíssimas descrições de estampas e detalhes. Com sua linguagem amigável, suas três redatoras de início em sua primeira edição em 1852 com, Joana Paula Manso de Noronha, tendo continuação nos anos de 1853 e 1855 pelas senhoras: Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Gervásia Neves conseguiram estabelecer um diálogo formidável com o leitor.

Expondo temas bastante pertinentes para época, seus três anos de edições contam com um acervo de 156 publicações estando dividido cada ano em 52 publicações. O jornal também comportava seções com poemas, contos, crônicas, romances, dicas de moda e saúde e algumas críticas, para distrair e informar suas leitoras e assinantes.

As redatoras conseguiam fomentar o desejo da emancipação feminina através da instrução, sendo que neste período do século XIX seria algo inédito um jornal escrito por mulheres e para mulheres. O jornal conquistou, de forma ainda tímida, seu espaço nos lares das senhoras de elite, sempre aconselhando as mulheres a se comportarem diante da sociedade e assim ganhar um respaldo social familiar.

A imprensa feminina foi neste sentido uma peça fundamental para esse progresso, com a sua chegada ao advento da corte às mulheres começavam a se interessar pela leitura, criando-se assim uma nova forma de dote, já que a mulher que fosse alfabetizada teria um valor em destaque em relação às demais.

Neste sentido essa pesquisa utilizou sete imagens do Jornal das Senhoras, três dos anos de 1852 propondo uma reflexão sobre a participação da mulher no universo público e privado especificamente na manutenção do lar e família. E outras quatro imagens dos anos de 1853 discutindo a religiosidade e a instrução como dois elementos importantes na educação feminina.

Para sistematização de nossa ideia, decidimos dividir este trabalho em três capítulos, sendo o primeiro: **“A chegada da corte e imprensa Feminina”**, levando o leitor ao século XIX, momento da chegada da corte no Brasil com sede na cidade do Rio de Janeiro. Para estabelecer este dialogo discutimos com Borís Fausto os motivos administrativos, políticos e econômicos que justificaram a saída da família Real de Portugal para o Brasil. Segundo Boris Fausto (2012, p. 14):

A maior ameaça à posse do Brasil por Portugal não veio dos espanhóis e sim dos franceses. A França não reconhecia os tratados de partilha do mundo, sustentando o princípio do *uti possidetis*, segundo o qual era possuidor de uma área quem efetivamente a ocupasse. Considerações políticas levaram a Coroa portuguesa à convicção de que era necessário colonizar a nova terra.

Neste sentido além de razões políticas e administrativas por razões econômicas tornou-se mais rentável para coroa administrar seus negócios na colônia afim de obter mais lucratividade. Para além desta discussão, propomos uma reflexão sobre as consequências da chegada da corte ao Brasil, e como a cidade do Rio de Janeiro sede da corte, teve que se adaptar para receber seus novos moradores e transforma-se na capital do império. Segundo Nireu Cavalcanti (2004) “Os efeitos dessas mudanças e nos costumes são consideráveis e repercutem em vários planos”. Dialogamos também com Lilia Moritz Schwarcz (2008) e Felipe Alencastro (2008) sobre a repercussão dessas mudanças, retratando a inserção da imprensa como um dos mecanismos de modernização que a Corte garantiu ao país.

Ainda neste momento dialogamos com Katia Carvalho (1995) e Eugenia Melo (2008), discutimos sobre a chegada da imprensa junto à corte, o que proporcionou na elite o hábito pela a leitura, a fim de aproximar seu comportamento ao da corte. Em seguida refletimos sobre a divisão da produção dessa imprensa, de acordo com Joelma Varão Lima (2011) e Sandra Lima (2007) a imprensa feminina estava dividida em Tradicional e Progressista, expomos como estas produções dialogavam com seus leitores através da exposição de seus valores.

No nosso segundo capítulo **“O Jornal das Senhoras e a representação de um perfil feminino”**, trabalharemos com alguns autores a exemplo de Sandra Lima (2007) Joelma Varão Lima (2010) e Guilherme Gonçalves (2014), discutindo a caracterização do nosso objeto de estudo, expomos como este periódico foi inédito na sua edição por mulheres e para mulheres. Narramos um pouco de sua história, descrevendo as possíveis razões de seu encerramento, anos de edições entre outros detalhes. Dialogamos também com falas das editoras do Jornal para descrevermos um pouco de suas seções de moda, lições, dicas de saúde, beleza, contos e poesias.

Por fim no nosso último momento **“Interpretação da mulher nas imagens do Jornal das Senhoras”**, trabalhamos com a análise de imagens selecionadas dos periódicos dos anos de 1852 e 1853. Usamos imagens e falas de suas colaboradoras na descrição de estampas, como também suas dicas e conselhos a fim de interpretamos as sete imagens selecionadas na construção de um perfil feminino, ligado ao universo

público e privado movido por sua formação religiosa e instrução literária. Como também suas virtudes de mãe, esposa e excelente dona de casa.

Propomos uma discussão com Letícia Aparício (2008), sobre a diferenciação da mulher de elite, público leitor do Jornal, entre as demais da sociedade através de suas vestimentas e comportamento distinto. Além do diálogo que construímos com estes autores, escolhemos sete imagens dos periódicos de 1852 e 1853, a escolha destas imagens parte de alguns elementos que identifiquei após a leitura do Jornal. Destacamos a atuação pública e privada da mulher sua instrução religiosa e letrada como os principais valores que o Jornal das Senhoras elegeu como importantes no perfil da mulher de elite do século XIX. Ao ler as contribuições de suas redatoras e analisar as imagens delimitamos estes elementos como nosso objeto de reflexão para compreendermos o universo feminino em particular a mulher de elite a quem o jornal se dirigia.

Portanto este trabalho parte do nosso anseio em questionar quais elementos o Jornal das Senhoras elegeu como importantes para compreendermos o perfil da mulher do século XIX e como a instrução através da leitura permitiu a mulher perceber seu respaldo social lhe garantindo uma atuação pública através da importância que esta possuía como administradora do progresso familiar.

CAPITULO I

A CHEGADA DA CORTE E IMPRENSA FEMININA

1-1 *A chegada da corte no Rio de Janeiro e a modernidade no século XIX*

O Brasil, no século XIX, recebe a incumbência de ser sede hospitaleira da família real, na cidade do Rio Janeiro. Esta chegada dos portugueses ao Brasil se justificou por fatores bastante cômodos e que lhes beneficiavam, pois seus negócios financeiros e econômicos não estavam bem resolvidos quando administrados de longe. Em decorrência deste e de outros fatores resolveram mudar-se para o Brasil.

Toda a Europa estava em constante disputa por territórios e colonização. As índias já haviam sido um negócio que se esgotava para os mesmos e a colônia brasileira seria uma chance para se erguer novamente, gerando renda à coroa e a possibilidade de se recolocar como grande potência marítima. Como podemos confirmar com Boris Fausto (2012, p. 20):

A decisão tomada por Dom João III de estabelecer o governo-geral do Brasil ocorreu num momento em que alguns fatos significativos aconteciam com relação à Coroa portuguesa, na esfera internacional. Em primeiro lugar, surgiam os primeiros sinais de crise nos negócios da Índia. Portugal sofrerá também várias derrotas militares no Marrocos, embora o sonho de um império africano ainda não estivesse extinto. Por último, em contraste com as terras do Brasil, os espanhóis tinham crescente êxito na exploração de metais preciosos em sua colônia americana, e em 1545 haviam descoberto a grande mina de prata de Potosí. Se todos esses fatores podem ter pesado na decisão da Coroa, devemos lembrar que, internamente, o fracasso das capitânias tornou mais claros os problemas da precária administração da América lusitana.

Movidos por estes interesses econômicos e também políticos, coube à família real mudar-se para o Brasil, o que ocasionou para a cidade do Rio de Janeiro uma série de mudanças sociais e culturais. Segundo Fausto (2012, p. 69): “A vinda da família real deslocou definitivamente o eixo da vida administrativa da colônia para o Rio de Janeiro, mudando também a fisionomia da cidade. Entre outros aspectos, esboçou-se uma vida cultural, com acesso aos livros e a existência de uma relativa circulação das ideias”.

Com a chegada da corte o primeiro problema resumiu-se a instalação de um número significativo de pessoas que precisavam ser acomodadas embora não houvesse planejamento ou condições físicas do espaço para tal habitação. Conforme Nireu Cavalcanti (2004, p. 96).

Alojar essa multidão, da noite para o dia, representava, caso os números fossem verdadeiros, um insolúvel problema urbano. Segundo as estatísticas demográficas da época as 15 mil pessoas correspondiam a 25% da população urbana do Rio e a 8% da população de Lisboa.

Além do impacto desse súbito alojamento da população, segundo Nireu Cavalcanti (2004, p. 97) um conjunto de leis publicadas foram tomadas com o propósito de adequar a cidade para sede da Monarquia portuguesa, a fim de obter o desenvolvimento urbanístico, econômico e cultural do Rio de Janeiro.

Para custear as despesas desse processo de alojamento e recepcionar esses imigrantes advindos de Portugal, a população colonial já residente no Rio de Janeiro foi contemplada com o aumento e a inserção de novos impostos imobiliários, o que, por conseguinte tornou mais cara a convivência e estadia na zona urbana.

Pensando no perfil dessa sociedade marcada por um grande número de escravos e classes financeiramente precárias, assistiu-se um aumento no custo de vida desses sujeitos. Nireu Cavalcanti (2004, p. 98) cita:

Todavia foi o alvará de sete de junho de 1808, que instituiu o tributo da décima urbana sobre todos os prédios da cidade do Rio de Janeiro, aquele que maior impacto provocou sobre a população, além de reconfigurar o contorno do perímetro urbano da cidade. Até aquele momento, os proprietários de imóveis urbanos não pagavam qualquer imposto territorial (ou predial), com exceção do foro a câmara, caso os terrenos a ela pertencem. Esse novo tributo foi repassado pelos proprietários aos inquilinos acarretando uma elevação do valor do aluguel, que por sua vez tornou caro o custo de vida na cidade.

Essas transformações pretendiam adequar o Brasil ao cotidiano da família real com seus hábitos de nobreza, isso permitiu a incorporação de uma nova cultura que agregava elementos antes desconhecidos ao modo de viver de uma sociedade.

Logo, essas mudanças não ocorreram apenas no espaço cultural e cotidiano dessas pessoas, mas de uma forma mais abrangente. O que antes era uma colônia passou a tomar a forma de cidade para melhor conveniência da corte.

Sobre o panorama dessa cidade, Fausto (2012, p. 134) nos descreve: “O Rio de Janeiro, com seus 522 mil habitantes em 1890, constituía o único grande centro urbano. A capital do império concentrava a vida política, as diversões e um grande número de investimentos em transportes, iluminação, embelezamento da cidade”.

No entanto, é preciso esclarecer que essa modernização não abrange o progresso para todos os sujeitos. A maior parte desses indivíduos que constituíam a colônia se resumia a escravos que não acompanharam esse ritmo de progresso, as grandes mudanças vieram, sobretudo para satisfazer as instalações da corte.

Esse aspecto de modernização investiu e expandiu-se por vários setores dessa elite imperial, segundo Luiz Felipe de Alencastro (2008, p. 48). “Os efeitos dessas mudanças e nos costumes são consideráveis e repercutem em vários planos.” Podemos citar as mudanças e investimentos no transporte, urbanização, a imprensa, o consumo de objetos luxuosos vindos da Europa a inserção da literatura, da música e do teatro. Todos esses elementos agregavam a continuação da cultura da família real.

Em síntese, a chegada da Coroa portuguesa implicava em uma dicotomia: de um lado a versão do Brasil auspicioso rumo ao progresso na sua formação enquanto nação civilizada pelos portugueses; do outro a realidade oculta nessas linhas escritas pelo progresso, onde se via a escravidão e a precariedade que se deflagrava na recém-nação que se formava. Concordamos com Lilia Moritz Schwarcz (2008, p.60),

[...] o Brasil transformava-se num grande jogo de espelhos: um país imaginado, sonhado, desejado e pensado por uma série de homens que usaram suas lentes corretoras para descrever essa realidade que sempre foi, por suposto e de partida, maravilhosa. Do outro lado do espelho, estava a escravidão, que se espalhava por todo o território, e a realidade dessa corte estacionada em seu paraíso tropical. Muitas convenções levavam a uma difícil tradução.

Pelo exposto fica claro uma série de mudanças que repercutia no cenário da cidade sede da corte. A imprensa se consolidou como um destes elementos inseridos pela elite intelectual que se formava junto à nação. Houve um processo de modernização para atender aos padrões da corte e a elite imperial que se instaurou na colônia, e dentro desses padrões e processo de modernização a imprensa ganhou seu espaço no cotidiano das pessoas.

1.2. O advento da imprensa e o espaço feminino

Como apresentamos na reflexão acima, a chegada da corte trouxe a inserção da modernidade nos padrões coloniais e a imprensa foi sem dúvidas um destes elementos. Conforme aponta Boris Fausto (2012, p. 69):

Em setembro de 1808 veio a público, o primeiro jornal editado na colônia; abriram-se também teatros, bibliotecas, acadêmicas literárias e científicas para atender aos requisitos da corte e de uma população urbana em rápida expansão.

Sobre a relação da inserção da leitura no cotidiano colonial, Katia Carvalho (1995, p. 03) afirma:

No Brasil, particularmente no Rio de Janeiro, as origens da leitura se misturavam às próprias origens da nossa história colonial. A leitura era privilégio de um grupo reduzido, devido às condições desfavoráveis resultantes do analfabetismo, do baixo poder aquisitivo da população e da sua dispersão nas zonas rurais.

Nesse sentido, o hábito da leitura era privilégio para poucos e veio a ser inserido apenas nos costumes de uma elite que tentava imitar os hábitos europeus. A corte procurou investir na ampliação desse campo, o que favoreceu apenas as famílias de posse e inseridas no processo de educação. Neste processo de incentivo à leitura, Carvalho (1995, p. 05) coloca:

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, modificou-se o comércio de livros, aumentando-se as possibilidades de importação de obras e também de produção de obras brasileiras. A disseminação de bibliotecas privadas seguiu até o final do século, e, com a virada do século XX, as famílias mais abastadas procuravam ampliar as suas coleções.

Sobre os hábitos de leitura ou incentivo a essa atividade Eugênia Melo Cabral (2008, p. 1) cita: “A formação intelectual não era preocupação em uma colônia analfabeta que sofria uma ocupação de exploração.” Isso demonstra que a literatura, não estava nas prioridades da colônia que se voltava apenas a render lucros a coroa.

Com a chegada da corte isso não toma uma forma diferente apesar da leitura estar inserida na classe mais privilegiada como a elite intelectual não havia uma preocupação em disseminar essa atividade nos demais habitantes, como confirma Cabral (2008, p. 02) “A situação melhora com a chegada, em 1808, da Família Real ao Rio de Janeiro, que tem que sofrer uma rápida transformação para dar ares europeus ao habitat da nobreza.” A prática da leitura resume-se aos salões frequentados por uma elite que segundo Cabral (2008, p. 02) formava uma espécie de “[...] intelectualismo de salão, um verniz social copiado e adaptado de Portugal e França”.

Foi neste cenário que surgiu também a imprensa feminina, vinculada à literatura com o objetivo de educar o papel da mulher nesse processo de modernização. Concordamos com Carvalho (1995, p. 04) quando ela define: “A imprensa feminina refletiu os anseios femininos e, entre outras funções, exerceu o papel de veículo do ideário moderno

Antes de tudo é preciso pensar o papel da educação para mulher, sendo esta pertencente a uma elite. Inicialmente, a prática da leitura representava um dote a mais para que conseguisse um bom casamento. Assim como era importante aprender a habilidade de costurar, cozinhar, cuidar do lar e tocar piano. Segundo Eugênia Cabral de Melo (2008, p. 03): “A instrução feminina foi então colocada como necessária à comunidade. As mulheres precisavam ser educadas para serem boas mães e esposas e não para proveito próprio”.

Reforçando essa ideia, Eugênia Cabral de Melo (2008, p. 03) nos afirma: “A sociedade permitia e incentivava apenas leituras que mantivessem a mulher no mesmo patamar em que ela se encontrava. Delimitava-se, assim, o espaço da leitura feminina”.

Neste sentido, a imprensa feminina seria destinada a um público leitor voltado para uma preocupação moral do seu papel enquanto mulher elegante, recatada, dona do lar, mãe e esposa. Refletindo os valores de uma consolidada sociedade patriarcal de modelo europeu, e seus distintos modos.

Complementando essa ideia Guilherme Domingues Gonçalves (2014, p. 15), esclarece: “Essa imprensa estaria ligada ao campo dos estilos, modas e convenções, seriam publicações que ajudariam as mulheres a viver da maneira que deveriam, assumindo o papel social a elas destinado”.

Apesar da imprensa estar voltada para a orientação da mulher como dona do lar, ainda que de forma tímida e com pouco espaço a imprensa levantou outras questões desse universo feminino, colocando em cheque a atuação dessa mulher e a sua submissão, valendo salientar que são dois movimentos distintos, enquanto um reafirma o papel da mulher voltada para o lar o outro questiona esse espaço privado.

A mulher, após o advento da imprensa com o acesso à leitura, começa a questionar se a ela competiria apenas o papel de dona do lar, questionando seu lugar na sociedade, e sua participação no local público passando a frequentar bailes, entre outros espaços, o que lhe permitiria uma nova emancipação. Como defende Melo (2008, p. 5):

O surgimento da imprensa feminina no Brasil respondeu a uma necessidade da burguesia de elevar o nível das mulheres de sociedade e a necessidade das mulheres de exprimirem suas queixas e reivindicações. Logo, os movimentos feministas se apropriaram destes mesmos canais. Os periódicos eram a voz de todo um gênero em uma sociedade patriarcal.

Conforme exposto na citação acima sobre o surgimento da imprensa feminina a mulher conseguiu um respaldo social para expressar suas “queixas e reivindicações,” seus anseios, se posicionar para além do domínio ou propriedade da figura masculina, confirmamos com Melo (2008) “Os periódicos eram a voz de todo um gênero em uma

sociedade patriarcal.”. A mulher, nesse sentido, se tornou autora não mais apenas de decisões domésticas como também passou a ter representação de sua figura pública.

Apresentando a influência da imprensa no cotidiano da mulher especificamos no tópico abaixo como se concretizou e se diferenciou os periódicos direcionados ao sexo feminino tomando, por exemplo, a Revista Feminina e o Jornal das Senhoras, caracterizando dois movimentos distintos no processo de consolidação da imprensa.

1.3. Imprensa Feminina: Caracterização de um perfil.

Em uma sociedade arraigada por valores patriarcais a imprensa vinculou-se ao cotidiano das pessoas primeiro como veículo de informações de uma forma mais geral voltada para classe intelectual, e particularmente no universo feminino como veículo de comunicação de valores. Balizando-nos no estudo de Melo (2008) delimitava o que a mulher deveria seguir para ser respeitada e reconhecida pela sociedade, neste espaço a mulher também ganhou a oportunidade de ampliar sua participação e interação no universo público.

Essa dualidade da imprensa como veículo de comunicação de valores tradicionais e ao mesmo tempo como uma oportunidade para a mulher ampliar ou questionar sua participação no universo público, confirmamos com Melo (2008, p. 05):

A mulher passou então a questionar o direito de receber instrução completa e educação superior de forma digna, o direito de exercer profissões quaisquer que desejassem, o direito de ler e escrever e, mais tarde, o direito de exercer o voto. Passando a construir uma consciência feminina de que não pertencia ao lugar em que os homens as colocavam. Algumas não queriam mudanças na conjuntura das famílias. Outras queriam o direito de dizer não ao marido que o pai lhe impôs.

Destacamos que o acesso a estas instruções ditadas por esta imprensa se resume a mulher de uma elite familiar, o perfil consolidado neste veículo dirigia-se as mulheres

que deveriam possuir dotes culturais, prendas domésticas, e valores morais ditados pelas regras religiosas, tais atributos eram necessários para legitimar o papel que competia a mulher. Segundo Kátia de Carvalho (1995, p. 5 - 6):

A revista feminina estava a serviço da nova mulher, cuja presença na sociedade estava em franco processo de crescimento, e ao mesmo tempo atendia aos interesses dos intelectuais que buscavam novos espaços de expressão. Além da função de informar à mulher, notadamente da classe média, sobre assuntos femininos, enfatizava as notícias sobre moda, literatura, poesia, folhetins.

Sobre o roteiro da chegada dos periódicos femininos, Cabral (2008, p. 3) delimita como pioneiro nesta empreitada a Europa e depois se difundiu no Brasil, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Como exemplo, o periódico *Espelho Diamantino*.

O primeiro periódico feminino que se tem registro, *Lady's Mercury*, foi lançado na Grã-Bretanha em 1693 quando no Brasil ainda não havia chegado a imprensa. Mais de um século depois, aparece o primeiro veículo dirigido ao público feminino que se tem notícia no nosso país. É o *Espelho Diamantino* (1827) que tratava de política, literatura, belas-artes e moda. A partir daí os títulos se sucedem pelo Rio de Janeiro, Recife, e São Paulo.

Dulcília Buitoni Schoede (1981, p. 28) ressalta que essa imprensa ao chegar ao Brasil foi dividida em concepções divergentes de um lado o grupo tradicional ressaltando o papel da mulher do lar, e o outro grupo progressista que investia na ideia de liberdade dos direitos individuais da mulher dando uma nova ressignificação ao papel feminino.

No contexto deste perfil tradicional podemos citar a publicação da “*Revista Feminina*”. Segundo Sandra Lucia Lopes Lima (2007) esse periódico foi fundado no Brasil do início do século XX, por uma mulher, tinha o objetivo de oferecer recreação, mas sua principal intenção era educar as mulheres para os papéis de esposa e mãe, os

mais importantes de suas vidas, através de mensagens moralizadoras que conduziam ao comportamento desejado.

Neste sentido, essa produção tradicional primava por uma mulher sempre submissa a uma figura masculina, quando casada ao esposo, quando solteira ao pai. Ensejando valores morais, ligados a conservação familiar à mulher deveria abdicar de sua liberdade individual, para estar à disposição de suas obrigações domésticas e religiosas.

Em contrapartida a esta produção, segundo Lima (2007) alguns periódicos audaciosos editados por mulheres, começam a surgir, entre eles o *Jornal das Senhoras*, de responsabilidade de Joana Paula Manso de Noronha, sendo esta como afirma Lima (2011, p. 228) redatora do periódico durante seis meses, jornalista, de nacionalidade argentina, havia se separado do marido (um compositor e violonista português) e morava na Corte, onde lecionou, atuou em vários jornais e publicou diversos trabalhos literários.

De acordo com Lima (2007) o *Jornal das Senhoras* a partir de 1852, “[...] parece ter sido um dos primeiros a contar com mulheres na redação”. Conseguiu ultrapassar os limites da moda e da literatura, ousando tímidos protestos contra a maneira possessiva com que os homens tratavam suas mulheres.

Segundo Joelma Varão Lima (2012, p. 398) esse periódico foi o primeiro jornal escrito por mulheres direcionado ao público feminino. Possuía seções de Moda, Belas Artes, Teatro, Crítica, Música e Folhetins.

Assim, primava por um perfil de uma mulher preocupada não apenas com a manutenção do lar como a produção tradicional, mas com questões que reivindicavam sua participação na sociedade, embora de uma forma ainda não tão explícita ou direta em virtude de uma sociedade tradicional que reprimia essa opinião.

No que diz respeito a formatação do conteúdo de como se apresentavam esses periódicos voltados para o discurso tradicional Sandra Lima (2007, p. 228) nos descreve:

Suas capas coloridas eram sempre muito bonitas, com figuras de mulher em poses românticas, mas recatadas, muitas vezes com crianças, a anunciar o alvo principal de suas mensagens: esposas e mães. As matérias, determinadas pelos interesses que se circunscreviam ao limitado espaço privado, de domínio feminino, tratavam, entre outros assuntos, de moda, decoração do lar, saúde, culinária, educação dos filhos, pequenos contos, poesias ou peças de teatro especialmente escritas para a revista, além de conselhos e “curiosidades culturais”.

Para tanto as duas produções: tradicional e progressista se assemelhavam quando informava a mulher sobre a moda, arte, saúde entre outros, ditada da Europa para o Brasil, ou com suas indicações de novas culturas que chegavam ao universo feminino, no entanto se distanciavam quando pensavam de maneira diferente o papel da mulher, quando seus posicionamentos, distanciavam-se no que diz respeito ao espaço público e privado ocupado pela mulher.

Enquanto a imprensa tradicional voltava-se para a consolidação da mulher submissa aos tradicionais costumes, a imprensa progressista voltava-se para uma ainda embora tímida liberdade de participação da mulher não mais apenas como dona do lar, mas como indivíduo de participação na sociedade sobre tudo na esfera pública.

Depois do exposto sobre a chegada da imprensa feminina na sociedade, apresentamos abaixo uma reflexão sobre o perfil de um destes periódicos, o Jornal das Senhoras, nossa fonte de análise. Discutiremos como mesmo de forma ainda tímida este jornal fomentou em seu público, novas ideias de participação, comportamento e de pensar em um universo que limitava o espaço da mulher.

CAPITULO II

O JORNAL DAS SENHORAS: A REPRESENTAÇÃO DE UM PERFIL FEMININO

2.1 Primeiro periódico redigido por mulheres

O Jornal das Senhoras, primeiro periódico escrito por mulheres inaugurado no ano de 1852, na cidade do Rio de Janeiro, contando três anos de edição as duas primeiras em 1852 e 1853 e a última em 1855. O Jornal teve como primeira redatora Joana Paula Manso de Noronha. O periódico lançou-se em meio a uma sociedade ainda tradicional, apesar de sua forma inibida, germinou no meio feminino como uma alternativa que descolocava-se do limite de uma sociedade patriarcal para uma forma de pensar e questionar as fronteiras da atuação feminina. Segundo Sandra Lima (2007, p. 222):

O Jornal das Senhoras, de responsabilidade de Joana Paula Manso de Noronha, que a partir de 1852, “parece ter sido um dos primeiros a contar com mulheres na redação”. Conseguiu ultrapassar os limites da moda e da literatura, ousando tímidos protestos contra a maneira possessiva com que os homens tratavam suas mulheres.

Sobre a formatação desse periódico, Joelma Lima afirma (2010, p. 228):

O “Jornal das Senhoras”, periódico semanal, foi publicado no século XIX durante três anos consecutivos, de 1852 a 1855. Esse periódico foi o primeiro jornal feminino no Rio de Janeiro, ou seja, o primeiro periódico escrito por mulheres e direcionado para o público feminino. Contava com seções de Moda, Belas Artes, Teatro e Crítica, além de espaços dedicados a partituras

de piano e a romances que eram publicados em forma de folhetins, como “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas.

Para entendermos melhor as publicações do Jornal acima citado é preciso conhecer quem estava por trás dessa publicação. De acordo com Joelma Lima (2010, p. 229) sua primeira redatora Joana Paula Manso de Noronha, argentina já exercia alguns trabalhos literários e de publicações em outros jornais no Rio de Janeiro sede da corte, onde veio a morar. Em seguida a redação do Jornal foi transferida para Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco, antes da sua nomeação como redatora do jornal, trabalhou com tradução de comédias italianas e francesas.¹

Essas duas redadoras tiveram que se afastar do cargo pelo mesmo motivo: falta de recursos financeiros para manutenção do jornal, uma vez que a publicação semanal era custeada por poucos assinantes e recursos próprios de suas diretoras. Em seguida Violante repassou o cargo para Gervásia Neves, casada com o senhor Antônio José dos Santos Neves e, foi apoiada financeiramente pelo marido. Entretanto, no número de 30 de dezembro de 1855, a redatora avisou às leitoras que, por motivos particulares, o “Jornal das Senhoras” não circularia em 1856, mas poderia voltar em 1857, o que, todavia, não aconteceu.² Segundo Guilherme Gonçalves (2014, p. 07):

Produzido na capital do Império pela tipografia Parisiense, localizada na Rua Nova do Ouvidor, número 20, o Jornal das Senhoras era uma publicação semanal. Excetuado a primeira edição, saía aos domingos e o primeiro número de cada mês trazia “um lindo figurino de mais bom tom de Paris, e os outros seguinte de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em música, moldes e riscos de bordados”. O preço da assinatura para o trimestre era 3\$000 rs. na corte e 4\$000 rs. para as províncias, os trimestres eram contados em janeiro, abril, julho e outubro e o pagamento da assinatura deveria ser adiantado.

Na apresentação do primeiro exemplar do Jornal, Joana Paula escreve aos seus assinantes explicando o que seria um jornal editado por uma mulher e explica como

¹ Conferir essas informações em: MODA E EMANCIPAÇÃO FEMININA: UM ESTUDO DO JORNAL DAS SENHORAS – RIO DE JANEIRO, 1852. Guilherme Domingues Gonçalves

² Essas informações podem ser conferidas no artigo “Jornal das Senhoras”: as mulheres e a urbanização na corte. Joelma Varão Lima, publicado pela CADERNOS CERU, série 2, v. 21, n. 2, dezembro de 2010.

outros países a exemplo da França, Inglaterra entre outros, já haviam incorporado em seu cotidiano a leitura de outros periódicos, exceto a América Latina que ainda encontra-se “estacionada em suas ideias enquanto o resto do mundo marchava rumo ao progresso”.³ Ainda na apresentação desse exemplar Joana Paula afirma que o Rio de Janeiro, acolheria com “satisfação e sympathia” o Jornal das Senhoras. Segundo suas palavras Jornal redigido por uma mulher, “uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem vontade e o desejo de olhares femininos sobre a urbanização na corte”. Propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.⁴

Guilherme Gonçales (2014, p. 8) em estudo recente afirma que para propagar ideias de melhoramento e emancipação moral da mulher, Noronha contava com a colaboração de algumas escritoras que se mantinham anônimas, porém, como aponta à editora, suas leitoras não deveriam temer em confiar em uma publicação anônima e nem temer em dar expansão aos pensamentos ali defendidos.

Na última publicação do jornal no ano de 1852, editado por Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco, editora chefe, comenta-se sobre as dificuldades enfrentadas no decorrer do ano, mas que todas essas dificuldades foram superadas com a aprovação e simpatia com que o jornal foi recebido ao seu público.

Vossa aprovação, vossa sympathia era a corôa que ambicionávamos; a animação que nos alentavam as forças; o prêmio que nos adoçava os sacrifícios, essa corôa tão almejada essa galardão com que tanto nos ufanamos, vós no-lo concedestes, senhoras: nossas fadigas estão por tanto esquecidas.⁵

Essas dificuldades seriam em virtude das condições financeiras da editora em manter as publicações, o que implicaria com a suspensão temporária do Jornal em 1853, retornando apenas em 1855. Gervásia Neves, editora chefe do jornal no ano de 1853

³ O Jornal das Senhoras. Tomo I, quinta-feira, 1 de janeiro de 1852, p. 8. Respeitaremos grafia original da obra.

⁴ Idem, ibidem, p.1

⁵ O Jornal das Senhoras. Tomo II, 26 de Dezembro de 1852, p. 52.

faz um apelo na última edição anual do periódico, pedindo aos assinantes que continuem contribuindo com o Jornal apesar do intervalo de tempo sem a publicação. “Os nossos assinguentes das províncias, que quizerem continuar a obsequiar-nos com a sua assignatura para o anno de 1854, são rogados a mandarem em tempo renovação – as, para que não aja interrupção na remessa dos jornaes.”⁶

No entanto após o retorno do jornal em 1855 Gervásia Neves afirma as suas assinantes que novamente o Jornal considera necessário, uma pausa para seu melhoramento, contudo por motivos desconhecidos o jornal não retorna conforme prometido por sua editora em 1857.

Nota-se certa dificuldade financeira em manter o jornal entre outros motivos, Joelma Lima afirma: (2012, p. 398):

Havia muitas dificuldades para manter um periódico nesse período histórico. O público era restrito, pois a maioria da população era analfabeta – embora um leitor pudesse ler para o outro –, além do alto custo para confeccionar um jornal, já que a produção exigia maquinário importado e mão de obra qualificada.

Estas dificuldades levaram a uma suspensão do jornal como podemos confirmar com as palavras de Gervásia Neves na publicação de dezembro de 1855.

Fazemos apenas uma parada, que jugamos necessária, no próximo anno de 1856; e com o favor de Deus O JORNAL DAS SENHORAS, reaparecerá em 1857, para porsequirmos ao honroso fim a que nos proposemos, cultivando com esmero as inunarcesciveis flores do caminho tão nobremente encetado pela nossa antiga redactora, a Sra. D. Joana Paulo de Noranha.⁷

⁶ O Jornal das Senhoras. Tomo IV- Domingo 30 de Dezembro de 1855 p. 416

⁷ O Jornal das Senhoras. Tomo VIII- Domingo 30 de Dezembro de 1855. p. 52

Apresentamos no tópico seguinte o que viria a ser feminino para o Jornal. Fazemos isso balizado por suas seções de moda, artes, saúde, música e culturas. A fim de problematizarmos de que forma o Jornal das Senhoras com suas publicações ensejou com seus periódicos a representação do que seria ser mulher em uma sociedade marcada pela figura masculina.

2.2 Periódicos redigido para mulheres

Apesar de alguns exemplares já estarem em circulação na corte no período do século XIX, a exemplo, Jornal de Variedades (1835), Espelho das Bellas (1841), Jornal das Damas (1862), ainda segundo Karine da Rocha Oliveira esses “são apenas jornais dedicados ao público feminino, mas sob os cuidados masculinos, que muitas vezes assinavam seus escritos com pseudônimos de mulheres”.⁸ O Jornal das senhoras, no entanto é o primeiro de iniciativa feminina, pela direção e responsabilidade da senhora Joana Paula como já citamos acima.

Uma questão importante é pensarmos qual era o público desse jornal? Se escrito primordialmente por mulheres, a que tipo de mulheres o jornal se dirigia? Segundo Gonçalves (2014, p. 14):

[...] Percebe-se que o jornal era escrito para as senhoras que eram familiarizadas com a vida na Corte brasileira que eram ou transitavam entre Condessas e Baronesas. É de se questionar se a própria redatora e as demais colaboradoras do periódico não eram também partes integrantes dessa elite senhorial brasileira, assim como as leitoras pretendidas pelo jornal.

Nesse sentido, existia um perfil de feminino a quem o jornal se dirigia, suas dicas eram voltadas para instrução de uma mulher que pertencia à elite, pois somente a mulher da elite era contemplada com acesso a instrução literária, com obrigações de

⁸ Aphud Guilherme Domingues Gonçalves (2014): *Moda e emancipação Feminina um estudo do Jornal da Senhora Rio de Janeiro, 1852.*

comportamento para ser considerada uma mulher digna de respeito na sociedade. Como afirma Gonçalves (2014, p. 16):

Percebe-se assim que o jornal possuía um público alvo: as mulheres letradas da Corte, que poderiam encontrar no Jornal das Senhoras um meio para aprender como deveriam se portar na sociedade, o que vestir, que peça teatral assistir e que romance ler. Ao mesmo tempo, a redatora chefe dá a entender que eram leitoras que desejavam tornar-se ilustradas, sendo assim, o jornal também colaborava para elas descobrirem o seu papel social. Papel de filha, esposa e mãe.

Percebemos uma dualidade na direção desse público se por uma parte suas colunistas desejavam agradar às senhoras da elite a fim de manter a ajuda financeira para custear o jornal, existia também uma preocupação em defender os direitos de emancipação do espaço feminino o que causou um contentamento também entre as mulheres que não faziam parte da elite ou da sociedade letrada. Confirmamos com edição de 03 de outubro de 1852:

Não será a mulher tão predestinada a liberdade do pensamento e da acção, como homem? Vós, homens, que lhe roubai a liberdade, confiais-lhe vossos filhos para modelal-os pela educação, e não credes que quem póde ser apta para educar, não possa ser livre?⁹

Nesse sentido, o objetivo do jornal estava centrado na ideia de permitir uma liberdade ao papel feminino, onde essa liberdade viria através da instrução. Um caso curioso é narrado na edição de 04 de abril de 1853, quando uma de suas colunistas narra de forma fictícia em uma lição de vida a história de uma jovem que perdeu a oportunidade de casamento com sua grande paixão em virtude de sua falta de instrução literária.

⁹ O Jornal das Senhoras. Tomo II Domingo, 03 de outubro de 1852

Rosinha, a personagem narrada na história, recebeu pouca instrução através do tio e estando noiva de um jovem rapaz, esteve em sua espera enquanto este realizava os últimos exames na capital, o jovem envia uma carta para confirmar a promessa que esperaria pela moça para casar-se, no entanto pela pouca instrução Rosinha comete um equívoco na leitura da carta e interpreta que o noivo preferiu outra mulher na sua ausência. O pai do noivo estranhando o rompimento viaja até a casa de Rosinha para tirar satisfação.

Chegando a casa de Rosinha, o pai do rapaz percebe o engano cometido pela moça, que se sente arrependida e em remorso por sua ignorância, e lamenta sua profunda falta de leitura, que a levou casar com outro rapaz pobre e sem formação literária. Como podemos confirmar em sua fala “Tal é leitoras, um dos inconvenientes da ignorância no nosso sexo!”¹⁰. Com essa história a colunista Adelaide permite uma reflexão sobre a importância da instrução literária na vida da mulher tão importante como os demais dotes como saber cuidar do lar, bordar entre outras habilidades, a instrução por conseguinte seria um atributo essencial para se conseguir um bom casamento. A mulher de elite deveria por tanto, receber uma boa educação afim de garantir êxito na escolha do partido para o matrimônio.

Na construção desse perfil feminino o *Jornal das Senhoras* estava direcionado a uma mulher que recebia a incumbência de todas as responsabilidades do lar desde a educação dos filhos até a manutenção da casa e a submissão ao esposo. Onde, segundo Gonçalves (2014, p. 22), “[...] o sucesso familiar passaria a depender da mulher quer fosse para manter o prestígio social quer fosse para elevá-lo”.

Atrelada a essa ideia da mulher como responsável pelo “prestígio social da família”, as redatoras do jornal escrevem para suas assinantes no sentido de instigar a mulher a conquistar sua emancipação e reconhecimento do seu prestígio social, onde as tarefas domésticas, a manutenção do lar e a responsabilidade pela educação dos filhos passam a ser percebidas como uma função social. Gonçalves (2014, p. 22) afirma:

[...] esfera doméstica deixa de ter suas relações de poder e controle, abordada como algo naturalmente concebido para ser tratada como algo socialmente construído. Por isso a importância que a mulher

¹⁰ Essa história pode ser conferida no *Jornal das senhoras* – Tomo I domingo, 04 de abril de 1852

ganha ao desempenhar suas funções, pois ela como mãe iria educar seus filhos e como senhora iria controlar o funcionamento da casa.

Compartilhando dessa ideia da mulher como responsável pelo progresso do lar e sucesso do marido, uma das colaboradoras do jornal na edição de 06 de março de 1853, fala sobre a influência da educação da mulher sobre a vida do homem: “[...] a vida inteira do homem depende somente da mulher; suas faculdades vão-se desenvolvendo. Debaixo de seu auspício e sob sua influência, até receberem certo grau de aperfeiçoamento indispensável para a obra de emancipação do homem.”¹¹

O Jornal instruía ainda as damas da sociedade quanto a importância da religião e do seu papel de mãe que estava intrínseca na ideia de pureza e virtuosidade da sua sublime função de mãe e esposa tidas como algo sagrado, questionando ao mesmo tempo o fato da mulher possuir deveres perante a esse papel de educar e exercer a maternidade embora não usufruirá dos mesmos direitos do homem. Na edição de 03 de outubro de 1852 uma de suas editoras escreve sobre a mulher perante Deus e o mundo:

Como não é sublime e singular uma mulher cheia de instrução e da religiosidade que lhe é sempre natural, no exercício das suas sagradas funções de esposa e de mãe! Ella educa e forma o homem, o homem apenas cuida depois na continuação daquilo que a mulher organizou; e entretanto os direitos só pertencem aos homens!¹²

Além de todos esses dotes, prendas domésticas, e instruções literárias, a mulher deveria ainda se portar de forma elegante e distinta semelhantes às baronesas e condessas da Europa, através de dicas transcritas nas receitas de moda e beleza para aperfeiçoamento do vestir e da aparência da mulher como também cuidados com a sua saúde.

Em uma das seções do Jornal sobre moda uma de suas colaboradoras escreve as assinantes sobre a regra da elegância, falando sobre a importância da mulher em vestir-

¹¹ O Jornal das senhoras. Tomo II domingo. 06 de março de 1853 p. 10

¹² O Jornal das Senhoras. Tomo II domingo, 03 de outubro de 1852 p. 106

se bem, na publicação de 15 de novembro de 1853 a colaboradora orienta: “[...] vestir-se bem é justamente uma sciencia, uma arte, um habito, um sentimento.”¹³

Vestir-se bem era então condição para legitimar uma mulher distinta e elegante. O jornal apontava alguns desenhos de modelos de tendências europeias com exemplos de cortes, tecidos, estampas e roupas para bailes e passeios públicos, descrevendo a imagem que as assinantes deveriam copiar e usar. Como cita Joelma Lima (2012, p. 402) “A imprensa foi fundamental para a difusão da moda europeia no Brasil Imperial, podendo ser considerada um vetor civilizatório. Assim o periódico se constitui numa importante fonte histórica para analisar as mulheres na Corte Imperial.”

Em uma publicação de 04 de agosto de 1852, uma de suas seções destinada a modas, a redatora do Jornal descreve um modelo de vestido para baile, em seguida demonstra na imagem umas das últimas tendências de penteado adotado em Paris, fazendo a descrição de um broche utilizado no penteado. “[...] Adornados com um lindíssimo enfeito chegado utilmente de Paris como grande novidade, o qual se compõe de canudos de veludo trança-los com estreito galão de ouro.”

A moda nesse sentido seria uma forma de demonstrar a sociedade, o perfil de uma mulher bem cuidada, vistosa e elegante a fim de ser bem notada pelo seu refinamento, o que implicaria também na imagem social que se vinculava ao marido e a família como cita Joelma Lima (2012, p. 114)

A moda seria um atributo feminino, um veículo de expressão social e também um meio de ostentar o sucesso familiar. Modelar o corpo para tornar-se uma mulher vistosa e elegante evidenciava prosperidade e refinamento social, favorecendo, assim, o status social do marido. O “bom gosto”, portanto, não era algo de somenos importância.

Por conseguinte a moda não estava atrelada a algo superficial mas como também um artifício que permitia distinção e um respaldo de prosperidade no status do marido como também na sua representação de mentora da família perante a sociedade.

¹³ O jornal das Senhoras. Tomo IV domingo 15 de novembro de 1853, p. 362

Outro elemento que requeria o cuidado da mulher estaria direcionado a saúde, na edição de 30 de janeiro de 1853 uma das colaboradoras na seção de receitas alerta as assinantes sobre a preocupação e o zelo com os dentes para uma boa aparência da mulher com dicas de uso de determinadas substâncias para melhoramento de dentes e gengivas. “Sabe-se quanto a limpeza dos dentes é necessária para decência e para conservação e aceio dos mesmos dentes; porém muitas pessoas ignoram, que fazendo uso de alguns pós que se vendem para esse fim em vês de os beneficiar arruínam mais os dentes, tirando-lhes todo o esmalte.”

Portanto, todas as instruções do *Jornal das Senhoras* estavam vinculadas a formação de uma mulher que pudesse representar o progresso da família. E seguir essas dicas era necessário para ser uma mulher bem vista, a fim de conseguir um reconhecimento e uma emancipação pela importância que exercia. Questionar seu espaço de atuação era nesse sentido marcar a importância do seu papel e o respaldo de sua função perante a sociedade.

Neste sentido o *Jornal das Senhoras* representava essa mulher emancipada e ao mesmo tempo ciente de suas obrigações na sociedade restritas ao casamento e à vida privada. Apesar da mulher desempenhar a função dessa figura pacífica e do lar, o *Jornal* colocava em ênfase essa sua atuação na sociedade como responsável pelo respaldo e o progresso familiar.

CAPITULO III

REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS IMAGENS DO JORNAL DAS SENHORAS.

*“A verdade mais incontestável, que a mulher é como o homem, apta para os trabalhos da inteligência, e seria um absurdo supôr o contraio, quando á delicada sensibilidade que ellas juntão ao seu espirito as torna por muitos títulos superiores ao homem. por isso que tem mais clara concepção”.*¹⁴

3.1 A construção do espaço feminino no universo público e privado (familiar)

Analisando a ideia da epígrafe acima notamos que a mulher, percebia sua capacidade e aptidão em desenvolver funções diversas na sociedade, essas funções além de ligadas a manutenção do lar, podem estar relacionadas as de outra natureza. Refletindo sobre as palavras acima, parece ser absurdo julgar que a mulher não tenha habilidades em desenvolver qualquer outra atividade como o homem.

Foi baseado nesta concepção que o Jornal das Senhoras fomentou na mulher o desejo de ser instruída e apta a ter uma participação na sociedade, participação esta que sempre esteve restrita apenas a figura masculina. Segundo os textos do jornal a mulher deveria aprimorar seus atributos e conhecimentos a fim de exercer com eficiência seus papeis de dona do lar e responsável pelo progresso da família, O Jornal das Senhoras coloca a instrução literária como um elemento importante para formação da figura feminina, permitia a mulher a ideia de emancipação através da informação da sua leitura, ao mesmo tempo em que essa pudesse ter um aperfeiçoamento em suas funções domésticas como também na educação dos filhos e ao cuidar do marido.

É neste sentido que analisamos sete imagens, escolhidas de duas edições seus periódicos dos anos de 1852 e 1853. A fim de refletir sobre a postura feminina que se consolidou nas edições do jornal, descrevemos através destas imagens, o que a mulher

¹⁴ O Jornal das Senhoras. Tomo II domingo, 03 de outubro de 1852, p. 107.

apresenta de feminino e como a partir de suas instruções e aprimoramento de seus dotes domésticos ganhou um respaldo público, ou seja, deixou de ter uma participação restrita do universo privado e passou a ter também uma atuação ainda que restrita no cenário público.

A primeira imagem que apresentamos abaixo retratada do periódico de 1º de agosto de 1852 na seção de moda onde a redatora de nome Cristina, disponibiliza a descrição da estampa para suas assinantes. Conferimos a imagem abaixo:



O Jornal das Senhoras. Tomo II 1º de agosto de 1852, p. 38.

A colaboradora Cristina explica para suas assinantes que o traje usado pela primeira mulher trata-se de um vestido para baile, “um toilette de gran e baile. Vestido de esconilha branca com tres ordens de saias progressivas guarneçadas de uma tira de veludo escarlate...”.¹⁵

A segunda mulher nas palavras da redatora: “representa um meio toilette: é a dona da casa obsequiando os convidados no seu grande baile. Traja um lindo vestido moiré antique, cinzento rosa, recamado de ramos de rosas bordados em sela frouxa entre uma grade de desenho simples.”.

Analisando a imagem observamos que se trata de um desenho, onde estão em foco duas mulheres que se encontram bem vestidas, com roupas supostamente para bailes ou festas conforme explicou a editora ao descrever a estampa dos vestidos, os cabelos estão presos em forma de penteado, notamos que as duas mulheres manuseiam objetos em suas mãos, a anfitriã da festa segura um lenço e sua convidada um leque.

O ambiente retrata um salão com várias outras senhoras ao fundo do lado da mulher à direita que seria anfitriã do baile segundo a descrição da redatora que estaria a conversar com sua convidada. Existem também cortinas e plantas, que poderiam ser apenas objetos de decoração do local.

Como visto na imagem as senhoras parecem estar em um salão com várias outras mulheres, e este deveria ser um evento festivo. No século XIX já se tornava algo comum para a elite frequentar bailes e festas de grandes famílias locais. A sociedade estava direcionada a modernização e a se sofisticar isso pela chegada da corte como discutimos em nosso primeiro capítulo. As mulheres da elite procuravam se diferenciar das outras classes por roupas, penteados e comportamento como conclui Letícia Ricci Aparício (2008, p. 03):

[...] Portanto, que a moda feminina acaba se modificando juntamente com o refinamento dos modos e europeização da vida social. Passando a ser um símbolo de classe e essencial para a definição da mesma. Desta forma, a moda passa a ser um aspecto distintivo pelo qual a “boa sociedade” demonstra – por meio de gestos, das posturas, da higiene, dos hábitos e das roupas – que alcançou o estágio da civilização.

¹⁵ O Jornal das Senhoras. Tomo II 1º de agosto de 1852, p. 34.

Ainda segundo a redatora ao dialogar com suas leitoras em uma das publicações de abril de 1853:

A moda por tanto não offerece hoje belleza somente, ella tem todo o aspecto do grande, do maravilhoso, do riquíssimo. Suas fórmas, seu talho, seus atavios, revelão um conjuncto do moderno e o antigo habilmente delineado, o qual nos offerece um complexo encantador, cujo exemplo apresenta em toda a sua plenitude as duas figuras da nossa presente estampa.¹⁶

Abaixo temos a demonstração da imagem que a autora se refere ao tratar sobre o tema de moda, descrevendo a estampa com “TOILETTES PARA GRANDE BAILE”:

¹⁶ O Jornal das Senhoras, Tomo III Domingo 17 de Abril de 1853, p. 122



O Jornal das Senhoras, Tomo II, domingo 17 de Abril de 1853, p. 125

Semelhante a primeira imagem que apresentamos, esta segunda confirma nossa observação sobre a participação da mulher no espaço público. A redatora ao descrever as imagens, destaca a moda como uma distinção da mulher que pertencia a elite e que almejava aproximar-se das mulheres da corte, ao participarem dos bailes esta seria a oportunidade para apresentar-se de forma distinta e assemelhar-se com a mulher que pertencia a corte.

Neste sentido, a mulher que pertencia à elite começou a frequentar os salões de festas, o que evidencia sua inserção no espaço público. Segundo Joelma Lima (2012, p. 399):

[...] os mecanismos do século XIX, possibilitaram as mulheres de elite ampliar sua vida social e seu acesso à educação, passando elas a possuírem conhecimentos de puericultura e refinamento social. Evidencia-se ainda que foi também no século XIX que se vislumbrou a importância da mulher como rainha do lar, se destacando as potencialidades femininas no espaço privado em oposição ao espaço público, considerado território masculino por direito.

Percebemos que as mulheres da elite começavam a ampliar sua vida social, adaptando seus conhecimentos tomando lugar tanto no privado quanto no espaço público que até então era dominado pela figura masculina.

Aliado a essa participação no espaço público destacamos o movimento de modernização ocorrido no século XIX já mencionado, onde as ruas começam a ser iluminadas e a população é convidada a sair do lar a noite, para bailes, jantares e passeios noturnos pela cidade. É nesse mesmo contexto de modernização e contato com as instruções literárias que a mulher que pertencia à elite se desprende compassadamente dos afazeres domésticos ou religiosos, e passa a desempenhar cada vez mais a sua educação e atividades que seriam complementares para seu dote. Confirmamos com Joelma Varão Lima (2010, p. 235).

Dessa forma, evidencia-se que o comportamento da mulher durante o século estudado passou por transformações. Acredita-se que ela se tornou mais vinculada às coisas do mundo, passou a acordar mais tarde, por que à noite frequentava teatros e bailes, bem como a ler romances, ficar na janela ou na varanda olhando a rua, demorar horas se penteando e horas no piano, ter aulas de dança e de francês, ir menos à Igreja, se confessar menos, conversar menos com os criados, ouvir com menor intensidade as histórias da preta velha.

Diante desta análise, percebemos que a mulher começa a galgar sua participação no espaço público, a análise da imagem abaixo apesar de refletir a postura da mulher que ainda pertencia ao lar, nos permite destacar uma dicotomia: embora a mulher pertencesse primordialmente ao lar, seu respaldo familiar conseguiu embora de forma tímida sua penetração na esfera pública.



O Jornal das Senhoras. Tomo II, Domingo 7 de Novembro de 1852, p. 148

A imagem acima foi retirada da edição de 1852 na seção de moda onde a redatora descreve a estampa das vestimentas usadas pelas personagens da imagem. Segundo a redatora a vestimenta trata-se de “Toilette de receber visitas de cerimonia”.

Logo pela afirmação percebemos que a imagem envolve um ambiente familiar doméstico, aparentemente a paisagem trata-se de um espaço ao ar livre (jardim). Encontra-se três indivíduos uma senhora a esquerda sentada em um banco que está segurando um livro na mão esquerda, na mão direita essa segura um lenço, um pouco

inclinada com o olhar para criança. Com o cabelo preso á fitas, e seu vestido que demonstra ser feito para ser usado para recepcionar visitas conforme descrição da redatora. Aparentemente a mulher deve pertencer à elite pelo acabamento da roupa em seus detalhes.

Na descrição da vestimenta da mulher a redatora apresenta:

Trata-se de tafetá verde claro, guarnecido de duas ordens de larga renda guipure. Estas guarnições não são pregadas pela renda, mas sim deixando-se-lhes a largura de duas polegadas ao lado de cima para formar um crespo em pé, preso na saia por pontos passados aqui e ali, para não abater.¹⁷

A criança ao lado direito é uma menina e está em pé, e sua mão direita está estendida a segurar um brinquedo, que seria um gato sobre rodas, a menina se encontra bem vestida assim como a mãe com: chapéu, sapato, cabelos com cachos e um vestido que parece já querer tomar as formas do corpo, com uso de espartilho. Ao descrever o vestuário da criança a colaboradora do jornal informa:

O vestuário da linda criancinha é mui galante; está tão bem acabado como se fosse para uma moça de 16 annos, e ella tem apenas um anno. O vestidinho é de cachemira branca, decotado e fechado adiante por uma presilha de cima abaixo, guarnecida de pequenos botões.¹⁸

Neste caso o espartilho já era inserido no dia-a-dia das mulheres desde cedo, pois transmitia elegância tanto no andar, como na postura. Seria um padrão de beleza manter uma cintura fina, quadris largos e seios fartos era uma peça indispensável para todas as ocasiões, mesmo sendo tido como ruim para saúde do corpo, pois no mesmo ato das amarras dos laços esse apertava toda a região do tronco desalojando todos os seus órgãos que seu interior comportava. Conforme destaca Caroline Roberta Vial

¹⁷ O Jornal das Senhoras. Tomo II Domingo 7 de Novembro de 1852, p. 147.

¹⁸ O Jornal das Senhoras. Tomo II Domingo 7 de Novembro de 1852, p. 147.

Serrão (2013, p. 05) “o uso do espartilho era fundamental para a formação da mulher, o que o tornava o início de seu uso precoce, ainda na infância”.

Logo atrás à direita, está uma mulher também inclinada como se fosse um jeito de chamar atenção e cuidado com a criança na descrição do Jornal trata-se de uma criada “por detraz della esta cuidadosa criada, que acompanha toda cheia de receios que no cambaleia dos passos não cáia a menina...”.

Sobre a descrição da roupa da criada a redatora preferiu não manifestar nenhuma descrição fazendo apenas uma indagação para suas assinantes: “Vós despeusais que eu lhe descreva o traje, sim? Mas o rosto! Que semblante sympahico que ella tem”.

Percebemos que a criada apesar de não ter, a descrição de seu traje pela redatora, notamos uma diferença na sua modelagem de roupa, além dos adereços: vestido, um avental e um lenço sobre o cabelo preso e argolas nas orelhas. A roupa de certa forma transparece uma simplicidade em relação à da outra mulher da esquerda. Notamos que a ausência da descrição da vestimenta da criada, indica que o jornal está direcionado apenas as mulheres da elite. O que se comprova pela falta de preocupação da redatora, em descrever a criada que também compõe o cenário.

As roupas seriam mais uma forma de diferenciação de classe, as mulheres da elite buscavam se distanciar das classes ditas inferiores pela maneira de se vestir e se comportar. Como expõe Letícia Ricci Aparício (2008, p. 51).

Era por meio da moda que as classes dominantes procuravam distanciar-se das camadas populares, seja no uso de tecidos mais nobres ou no comportamento, principalmente para as mulheres de elite o importante era ficar o mais longe possível das mulheres consideradas descompostas.

Para além dessa diferenciação pelo modo de se vestir a mulher tida como senhora e dona do lar tornava-se distinta pela forma como conduzia a educação e os cuidados com a família a fim de atingir um progresso social familiar, é neste sentido que Gonçalves (2012, p. 22) coloca:

“ [...] O sucesso familiar passaria a depender da mulher que fosse para manter o prestígio social que fosse para eleva-ló [...] Por isso a importancia que a mulher ganha ao desempenhar suas funções, pois ela

como mãe iria educar seus filhos e como senhora iria controlar o funcionamento da casa.”

Na imagem que apresentemos abaixo retirada da publicação de agosto de 1852, a redatora define como uma vestimenta de receber visitas, o que traduz uma das funções da mulher em seu espaço privado. Segundo a redatora: “A primeira figura representa um elegante toilette de receber em casa visitas de manhã.”¹⁹



O Jornal das Senhoras Tomo II, Domingo 15 de agosto de 1852, p. 53

A partir desta reflexão podemos considerar que apesar da mulher ter ganhado um certo respaldo no espaço público, por exemplo, ao frequentar os bailes ou a recepcionar convidados em seus eventos festivos, conforme descrito nas imagens acima, essa mesma mulher continuava a desempenhar a função de gerenciar o lar. Sendo ela responsável por todas as atribuições domésticas como também o sucesso e progresso da família.

¹⁹ O Jornal das Senhoras Tomo II, Domingo 15 de agosto de 1852, p. 50

Foi então este reconhecimento enquanto senhora do lar, mãe e esposa capaz de garantir para sociedade o reconhecimento de sua administração familiar que também lhe garantiu e abriu espaço para uma atuação na esfera pública, ainda que essa representação estivesse ligada a figura masculina do marido filhos ou pais quando ainda solteira.

Em seguida daremos continuação a esse perfil de representação da mulher através das análises de outras duas imagens selecionadas do periódico de 1853.

3.2 A construção da mulher através da religiosidade e instrução

Neste período do século XIX a religião era um dos elementos que designava uma estrutura moral e ética, determinando valores que deveriam ser seguidos, ensinados e repassados no processo de educação dos pais para os filhos.

A religião católica ditava a construção da família através do casamento, ao casar-se a mulher recebia a função de repassar e ensinar aos filhos todas as doutrinas que havia aprendido durante sua educação e agora deveria repassar para a sua família. Sobre a legitimação do casamento Joelma Lima (2010, p. 232), afirma:

Portanto, família e casamento eram considerados a base da sociedade, sendo confirmados pelas leis civil e canônica. O status legal e moral do casamento eram concedidos somente mediante a celebração do matrimônio por um sacerdote católico, o padre, geralmente num santuário da Igreja Católica Apostólica Romana.

A religião estava inserida na educação da mulher desde cedo, esta deveria guardar uma imagem de pureza, e que também seria conservada depois do casamento para garantir um respaldo social de sua família. Aprender a doutrina e receber os sacramentos da igreja católica era tão importante como preencher os demais requisitos de prendas domésticas tidos como dotes. Segundo Joelma Lima (2010, p. 234):

A mulher de elite passava a ser considerada a base moral da sociedade. A esposa e mãe deveria, segundo os discursos médico e

religioso da época, adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, gerar descendentes saudáveis e cuidar do comportamento dos filhos.

A imagem descrita abaixo nos permite perceber essa demonstração da importância da religião desde cedo na educação feminina, trata-se de uma imagem retirada do periódico de 1853 na sessão de moda onde sua redatora descreve a gravura, e a estampa das vestimentas.

Nas palavras da redatora:

A gravura que vos apresento hoje, queridas leitoras, não precisará de muita atenção para que de um golpe de vista não lhe reconheçais o tocante e sublime quadro da inteligente mãe de família nas suas mais bellas disposições da parte mais essencial da educação de seus filhos – a RELIGIÃO.²⁰

Percebemos que nas palavras que a redatora ao descrever a gravura na sessão de descrição da estampa dos vestuários retratados no jornal, traduz a importância da religião que é repassada desde cedo. A imagem trata-se da celebração do sacramento da eucaristia, o que podemos confirmar com as palavras da redatora: “A nossa gravura representa uma destas meninas que vai a primeira comunhão”²¹. Conferimos a gravura abaixo:

²⁰ O Jornal das Senhoras. Tomo IV domingo 24 de Julho de 1853, p.30

²¹ O Jornal das Senhoras. Tomo IV domingo 24 de Julho de 1853, p. 234



O Jornal das Senhoras. Tomo IV domingo 24 de Julho de 1853, p. 236

Analisando a imagem observamos que o local trata-se de um compartimento doméstico, onde notamos cortinas e um quadro na decoração das paredes. No ambiente percebemos a existência de três pessoas que seria: à esquerda a mãe, com o vestido supostamente de estar em casa, e o cabelo preso a uma toca. Confirmamos, através das palavras da redatora: “VESTUÁRIO DE ESTAR EM CASA. Touca composta de um

lencinho de nobreza cor de rosa, com orlas de veludo preto, enfeitado de duas ordens de renda branca presa por lacinhos de veludo preto.”²²

A mulher que está à esquerda seria a mãe, que parece instruir a sua filha para esse momento tão importante na sua vida religiosa e social, notamos que a mãe segura um livro na mão esquerda, que possivelmente em virtude da ocasião pode ser a bíblia, enquanto ela entrega com a mão direita outro livro a sua filha. A personagem que aparece ao seu lado direito recebendo o livro, uma mocinha que se encontra com um vestido de mangas compridas, lenço no pescoço e um véu sob a cabeça, Acompanhando a mocinha, notamos uma criança que parece segurar sua mão, com um paletó na altura dos joelhos que deixa aparecer o saiote por baixo e as botas. Conforme descreve a redatora:

O VESTUARIO DA PRIMEIRA COMMUNHAO compõe-se de um vestido de cassa bordada. Corpinho franzido, aberto adiante [...] Touca e modéstia á virgem. Véu talar de filó liso [...] VESTUARIO DE CRIANÇA. Paletor de veludo preto. Saiote branco por baixo deixando aparecer o recortado [...] Meias curtas mostrando a perna. Botins e bonet de veludo preto.²³

Depois do descrito sobre as vestimentas na gravura destacamos que a solenidade da primeira eucaristia é ressaltada pela redatora como um momento de extrema importância na educação. Essa informação nos permite refletir como os valores religiosos estiveram arraigados na formação da mulher para sua construção social lhe garantindo um valor moral perante a família que ela formaria depois de casada. Confirmamos essa afirmação nas palavras da redatora:

Eis o lindo quadro da carinhosa mãe e seus dous queridos filhos explicando conforme a minhas débeis força o permittem. Praza a Deus

²² O Jornal das Senhoras. Tomo IV domingo 24 de Julho de 1853, p.234.

²³ O Jornal das Senhoras. Tomo IV domingo 24 de Julho de 1853, p.234.

que este útil costume, que este solemne preparativo para a PRIMEIRA COMMUNHAO DAS MENINAS seja pelas minhas patricias imitado tambem. Teremos dado mais um passo em favor do futuro da nossa sociedade.²⁴

Observando a imagem abaixo do periódico de outubro de 1853, destacamos alguns elementos que confirmam a importância e frequência da religião no cotidiano da mulher e da sua família. Analisando a figura presume-se que este local seja destinado a leitura da bíblia e orações, pois está decorado com uma imagem que representaria Nossa Senhora segurando o menino Jesus, e uma bíblia em tamanho maior.



O Jornal das Senhoras Tomo IV, domingo 09 de outubro de 1853, p .325

²⁴ O Jornal das Senhoras. Tomo IV domingo 24 de Julho de 1853, p.234.

Portanto a mulher deveria primar pelos seus deveres religiosos, como também transmitir através da educação estes deveres para seus filhos. A fim de ganhar ou elevar sempre seu nível, ao estabelecer a ordem do lar alinhado sempre às questões religiosas, para garantir a base moral de sua família.

Depois desta discussão sobre a importância da religiosidade no universo feminino, destacamos outro elemento que ganhou espaço no processo de educação da mulher: a instrução. Ser uma mulher instruída, ou seja, alfabetizada representava também no período do século XIX um importante atrativo para o casamento.

Com a inserção da imprensa no cotidiano feminino a leitura tornou-se algo fundamental no processo de instrução da mulher. As mulheres que pertenciam à elite eram orientadas através de dicas e conselhos dados nos periódicos a voltarem sua educação também para ação literária.

Sendo este um dote tão importante quanto saber cozinhar, bordar, tocar piano e ser uma excelente mãe e dona de casa. A instrução nesse sentido seria mais um atrativo para o dote da moça escolhida para o casamento. Joelma Lima (2010, p.234) afirma: “Os homens das elites consideravam uma noiva alfabetizada mais atrativa que uma sem instrução, pois poderia ensinar os filhos a ler e escrever, ajudando a erradicar o analfabetismo no país”.

Apresentamos abaixo outra imagem do periódico de 1853, que nos leva a observar a importância da leitura no cotidiano da mulher:



O jornal das senhoras. Tomo III domingo, 05 de Junho de 1853, p. 180.

Na descrição da redatora a moça da esquerda estaria usando uma “Tollette de visita”.

[...] chapéu arriando para traz aberto adiante moldurando o rosto, composto de fitas de renda e seda, formando moscas em volta da ába; entre os cordões de seda, em guarnição de tafetá franzido em festão. O resto do chapéu, tendo em volta da copa duas ordens de renda preta

encrespada [...] o vestido é de tafetá gris, fechado d'alto a baixo por botões d' aço. O colarinho e as sub-mangas são de renda.²⁵

Em seguida descreve a moça que a acompanha ao lado direito da na imagem:

TOILETTE DE ESTAR EM CASA. Pequena touca pompadour feita de blond branco dentado, enfeitada de fita de gaze encrespada aos lados e pequenos laços atraz. Vestido de tafetá Eugénie, guarnecido de fitas. De volantes, e de pequenos enfeites em veludo batido.²⁶

O lugar observado aparenta ser uma sala de visita, decorada com cortinas e uma poltrona ao lado da moça da esquerda, e um vaso com flores ao lado da moça a direita, repassando a ideia de um lugar amplo e aconchegante para uma leitura.

Notamos que a moça a direita está composta de vestido de camadas e babados inclusive as mangas, com uma toca, sua vestimenta seria apropriada para estarem em casa conforme descreveu a redatora. A outra moça também se encontra bem vestida e portando um chapéu na cabeça, um vestido mais coberto até a altura do pescoço tratando-se de uma vestimenta para visita ou passeio como sugere a redatora em sua descrição.

Percebemos que a moça á direita dispõe-se a ler para a sua visita, por esta observação constatamos que a leitura tornou-se um hábito importante e bem visto no cotidiano das mulheres de elite. Essa prática foi incentivada pelas redatoras em suas publicações do jornal em diversas vezes ao se falar da educação da mulher.

Vale a pena constatar que nesta parte do trabalho onde analisamos imagens selecionadas, das sete quatro imagens apontam a leitura como um elemento importante no cotidiano feminino. Nas quatro imagens o livro aparece como objeto de destaque fosse a bíblia ou outra leitura. A instrução parecia ser algo marcante e significativo na vida da mulher.

O Jornal das Senhoras faz menção à importância da leitura e da instrução em diversos momentos, seja com suas crônicas como descrevemos no capítulo anterior ao

²⁵ O jornal das senhoras. Tomo III, domingo 05 de junho de 1853, p. 178.

²⁶ O jornal das senhoras. Tomo III, domingo 05 de junho de 1853, p. 178.

retratar a história da moça que perde a oportunidade de casar com seu grande amor em virtude de sua pouca instrução, como também em outras seções quando a redatora incrementa a importância da leitura na vida da mulher. Como podemos conferir na publicação de 31 de julho de 1853:

Vantagens do lêr. A leitura, meus amigos!..sabeis vós bem o que é a leitura?! é de todas as artes que menos custa e a que mais rende. Há livros, que semelhantes a barquinhas milagrosas, incorruptíveis e a inafundáveis, nos levão pelo oceano das idades a descobrir, visitar e conhecer todo o mundo.²⁷

A instrução seria, portanto, um elemento de grande valor para mulher, além de lhe garantir um casamento promissor também a ajudaria a pensar de maneira diferente de perceber o mundo e a se comportar diante do grupo social que essa pertencia. O Jornal das Senhoras trazia consigo contos, poesias, crônicas e romances que incentivava em suas assinantes o prazer e a importância da leitura em sua vida.

Depois do exposto nesse capítulo, onde destacamos elementos como a participação pública e privada da mulher, ressaltando a importância que esta detinha na base familiar. Bem como a religiosidade e instrução como subsídios de uma educação, capaz de transformar a mulher em uma legítima senhora de elite dona de casa, mãe, esposa e responsável pelo progresso familiar.

Compete agora apresentarmos nossas considerações finais a fim de responder a questão/problema que articula esse estudo sendo esta: Que representação de mulher o Jornal das Senhoras retratou em seus textos e imagens no sentido de definir o que competia ao perfil da mulher do século XIX?

²⁷ O jornal das senhoras. Tomo IV domingo, 31 de julho de 1853, pg. 246.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este estudo debruicei-me sob duas questões que nortearam o itinerário desta pesquisa, a saber: Que elementos o *Jornal das Senhoras* interpretado através da seleção das sete imagens e textos, elegeu como importantes para compreendermos o perfil da mulher do século XIX? Como a instrução através da leitura, e a importância da administração familiar, permitiu que a mulher obtivesse seu respaldo e emancipação?

Depois das leituras de alguns autores, que nos ajudaram a dialogar com essas questões e também leituras do *Jornal*, e análise das imagens selecionadas, construímos uma reflexão, balizada em alguns elementos que julgamos pertinentes para respondermos essas questões.

Percebemos que a mulher do século XIX, estava conectada a uma submissão da figura masculina, a sociedade patriarcal deste período elegeu princípios básicos de conduta ética e moral que a mulher deveria se submeter. Expomos que a mulher de elite competia saber se comportar de forma distinta, saber cuidar do lar, proporcionar uma boa educação para os filhos, caberia também a esta a responsabilidade do progresso do lar, do esposo e filhos.

Foi neste cenário que o *Jornal das Senhoras* conquistou a simpatia de suas assinantes ao aconselhar suas leitoras sobre o comportamento que elas deveriam prezar enquanto uma legítima dona de casa, senhora do lar. No entanto o jornal apresentou um elemento até então sem importância para o dote destas mulheres, suas redatoras concederam ao seu público a reflexão da importância da instrução literária, saber ler foi visto com um acréscimo interessante para o dote feminino.

Outro elemento que recebeu destaque no jornal através de suas poesias, contos, dicas de moda ou histórias, seria a emancipação moral da mulher, ao ler o jornal a resposta para nossas indagações repercutiu no sentido de que a tarefa de ser uma excelente dona do lar e mãe era algo que merecia destaque na sociedade.

Nossos três capítulos conversam sobre a relação da chegada da corte com a imprensa, desacatamos a instrução como um elemento novo inserido no universo feminino, a leitura tornou-se um hábito para elite a fim de aproximar-se dos costumes

dos que pertenciam a corte. O Jornal das Senhoras através de suas imagens nos indica a religião, a manutenção do lar, e a visibilidade da família no universo público como itens fundamentais no perfil da mulher do século XIX.

Portanto o que podemos compreender depois deste estudo é que o Jornal das Senhoras, ainda que de forma tímida fomentou em seu público o ensejo da leitura como um artifício capaz de proporcionar vastos conhecimentos a mulher, capaz de aprimorar ainda mais suas instruções e dotes e instigar sua emancipação moral.

Como também gerar a consciência que contemplasse a importância do papel da mulher que reconhece sua contribuição para o progresso familiar. Entre tantas tarefas como: bordar, cuidar do lar, educar os filhos, ser atenciosa, cuidar do esposo, praticar uma leitura informativa e obedecer devidamente sua religião, essa mulher merecia destaque junto ao progresso familiar que lhe garantia um respaldo social.

REFERENCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **Vida Privada e ordem no império**. In: História da Vida Privada no Brasil (v.2) São Paulo: CIA das Letras, 1997.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina** São Paulo: Editora Ática, 1990.

CABRAL, Eugênia Melo – “**Primeiras Histórias – O surgimento das imprensas feminina e feminista no Brasil**”. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cabral-eugenia-primeiras-historias.pdf>

CARVALHO, Kátia – “**A imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural**”. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1947/1/536-1164-1-PB.pdf>

CAVALCANTI, Nireu ,1944. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte** / Jorge Zahar ed. 2004.

FAUSTO Boris. **História Concisa do Brasil**. 2. Ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

GONÇALES, Guilherme Domingues. **Moda e emancipação feminina: um estudo do jornal das senhoras**-Brasília,2014.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: Raízes de Um Paradigma Indiciário**. In: Carlos Ginzburg. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. São Paulo [Cia De Letras, 1989].

LIMA, Sandra Lúcia Lopes – “**Imprensa feminina, revista feminina. A imprensa feminina no brasil**”. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2219/1320>

LIMA, Joelma Varão – “**Jornal das Senhoras**”: **As mulheres e a urbanização da corte**. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11926/13703>

LIMA, Joelma Varão. **O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)**. São Paulo: PUC-SP, 2012.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX através das páginas do jornal A Família**. Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, 2008. **Espelho de projeções: os franceses no Brasil de D. João**. Disponível em:

<http://www.usp.br/revistausp/79/06-lilia.pdf>.

SERRÃO, Caroline Roberta Vial: **Espartilho: das amarras do século XVI ao fetichismo**. 2013. Disponível em:

http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/9-Coloquio-de-Moda_2013/COMUNICACAO-ORAL/EIXO-3-CULTURA_COMUNICACAO-ORAL/Espartilho-das-amarras-do-seculo-XVI-ao-fetichismo.pdf

O Jornal das Senhoras. Tomo I, quinta-feira, 1 de janeiro de 1852, p. 8.

O Jornal das Senhoras. Tomo II, 26 de Dezembro de 1852, p. 52

O Jornal das Senhoras. Tomo IV- Dezembro de 1855 pg. 416

O Jornal das Senhoras. Tomo II Domingo, 03 de outubro de 1852

O Jornal das senhoras. Tomo II domingo. 06 de março de 1853 p. 10

O Jornal das Senhoras. Tomo II domingo, 03 de outubro de 1852 p. 106

O jornal das Senhoras. Tomo IV domingo 15 de novembro de 1853, p. 362

O Jornal das Senhoras. Tomo II 1º de agosto de 1852, p. 34.

O jornal das senhoras. Tomo III, domingo 05 de junho de 1853, p. 178.

O jornal das senhoras. Tomo IV domingo, 31 de julho de 1853, pg. 246.

O Jornal das Senhoras, Tomo II, domingo 17 de Abril de 1853, p. 125

O Jornal das Senhoras Tomo II, Domingo 15 de agosto de 1852, p. 53

O Jornal das Senhoras Tomo IV, domingo 09 de outubro de 1853, p .325